ANO 2.° LISBOA--QUARTA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 1922 N.° 360

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 118

UMA PAGINA DE HISTORIA

"...até onde a gazolina dér"

Palavras de Sacadura Cabral a Gago Coutinho durante o percurso Praia-Penedos

O enviado especial do "Diario de Lisboa" entrevista o comandante Sacadura Cabral

O Diario de Lisboa *não precisa de sair da sua rota habitual de modestia para reconhecer que tem constituido um belo exito jornalistico a sua reportagem ácêrca da travessia aerea Lisboa-Rio de Janeiro. As cronicas de Norberto Lopes—o companheiro de Tomás Ribeiro Colaço, representante do nosso ilustre colega* O Dia, *no desterro forçado de Fernando Noronha—pode bem dizer-se, sem perigo de vaidade, que têm marcado como das mais interessantes paginas até agora escritas sobre o glorioso feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral.*

A entrevista de ontem—que hoje concluimos—com os dois heroicos aviadores teve, como era natural, um exito sem precedentes. E o mesmo as declarações do comandante Muzanty descrevendo o que tem sido o esforço colossalmente patriotico dos marinheiros do Republica.

Era a primeira vez que os jornais portugueses contavam pela boca dos proprios tripulantes do Lusitania *e dos* Fairey 16 *e* 17 *o que foram as horas dramaticas do raid; era a primeira vez, tambem, que jornais portugueses pormenorizavam a epopeia de ansiedade e de bravura desse punhado de compatriotas nossos a quem coube viver de perto toda a emoção forte da triunfal façanha.*

Norberto Lopes, o nosso querido camarada de trabalho, tem passado, por não haver abandonado na hora propria a ilha de Fernando Noronha, lances porventura dificeis em demasia; mas a sua mocidade e o seu valor souberam triunfar de todos os obstaculos, e o seu talento de profissional afirmou-se de maneira brilhante.

Felicitamo-lo e felicitamo-nos, não porque sejamos atreitos á tentação feia do orgulho, mas porque, desgraçadamente, importa, de vez em vez, lembrar aos exagerados da injustiça que procuramos sempre e atravez tudo dignificar sem alardes de cartaz a nossa profissão.

—Agora a viagem, comandante...

—A primeira tirada correu bem. O *Luzitania* cumpriu. Cheguei á conclusão de que para uma travessia destas havia uma coisa primordial: estudar a viagem, isto é, ver os pontos em que se devia tocar, as condições de amaragem, os recursos com que se podia contar no caso de ter que reparar o aparelho... Se tivesse procedido assim, não tinha ido a La Luz, nas Canarias. Tive de amarar fora do porto artificial e vi logo que não podia descolar com a carga suficiente para a segunda tirada. Fomos para a baía do Gando. O Gando não é mau para sair...

«Nessa primeira viagem, desconfiei que o consumo de gazolina era maior do que eu julgava. Em vez de 18 galões, como estava no contracto, calculei que fôsse de 20 galões. A minha primeira ideia era ir directamente á cidade da Praia: mas em Las Palmas, como é natural, o aparelho teve de ficar na agua. Quando se abriram os flutuadores, vi que tinham agua dentro. Foi a primeira coisa que me desconsolou. O que havia de fazer naquela altura? Exigir uma prova ao construtor? Não ha nenhum aparelho que deixe de meter agua... Resolvi então ir a S. Vicente, onde havia um plano inclinado, para corrigir o defeito dos flutuadores.

«No Gando fiz três experiencias. No primeiro dia em que tentámos sair e não foi possivel, verificou-se que os flutuadores estavam alagados. No dia seguinte, deixou-se o aparelho completamente leve, exgotou-se a agua, meteu-se a gazolina e fizemos nova experiencia. Avariou-se um dos cabos que ligam as duas azas. Nesse dia, tambem não pudemos sair. No terceiro dia, exgotou-se á agua o melhor que se poude... Encheram-se os depositos de gazolina—240 galões... Conseguimos levàntar vôo, *pero con alguna dificultad*, como dizem os espanhois.

Dizer Penedos é dizer mar alto...

Estava coberta a primeira tirada, como o comandante Sacadura diz, á portugueza, e tinhamos levantado vôo para a segunda—é como se nós fossemos no avião. O almirante Gago Coutinho devia estar ainda no primeiro sono...

—Quando cheguei a S. Vicente, vi que o consumo de gazolina tinha sido de 20 galões por hora. Portanto, 330 galões só me davam 16 horas de vôo. Além disso, não havia possibilidade de esgotar por completo a agua dos flutuadores e o porto não tinha as condições necessarias. Vi logo a impossibilidade de ir directamente a Fernando Noronha. Tinha duas soluções:—Primeira: mandar dizer ao ministro: *é impossivel continuar viagem... o aparelho não satisfaz;* segundo: correr o risco de ir amarar ao penedo, meter gazolina e prosseguir a viagem.

«Adoptei a segunda, porque os senhores já tinham feito muito barulho («os senhores» somos nós, os jornalistas) e não me ficava bem, a mim, desistir. Encarando as coisas debaixo do ponto de vista pratico, lamento que se tenham perdido dois aparelhos. Mas que lhe hei-de eu fazer... Sabia que o penedo não podia dar abrigo; pelo contrario, ainda prejudicava um pouco. Dizer vou aos penedos, era o mesmo que dizer vou meter gazolina no mar largo... Outra cousa ainda: o que se tem dado este ano com o tempo, nesta região, é um pouco anormal...

«Adoptou-se esta solução, por causa do navio poder estar ali e haver um ponto de referencia, que era o penedo. O aparelho não descolou de S. Vicente com 13 horas de gazolina... Fui á Praia... encurtava a distancia 90 milhas... Para amarar com felicidade, tinha de encontrar o mar esplendido nos penedos. Estavamos no regime da brisa de nordeste... muita ondulação...

O que foi o grande vôo

Vai começar a segunda tirada. Lá fóra continúa a faina dos marinheiros. Há tanta medalha mal ganha, que a gente chega a ter pêjo de lembrar que seja instituida uma alta recompensa para condecorar a tripulação do cruzador *Republica*, pela parte honrosissima que tomou na travessia aerea do Atlantico. Honrosa e dificil e tanto mais honrosa quanto mais dificil foi.

Continúa a falar o comandante Sacadura:

—Da Praia saí com 250 galões de gazolina. Só conseguimos largar á terceira tentativa.—Houve sempre uma grande dificuldade em descolar.—Para fazer 910 milhas, contava com 12 horas de gazolina. Precisava ainda de ter uma velocidade de 76 milhas por hora. A minha velocidade propria eram 65 a 70 milhas. Tinha, portanto, de contar com 8 a 10 milhas de velocidade do vento. A principio, soprava o nordeste... Ao fim de duas horas de viagem, o vento começou a diminuir... ficou uma aragem insignificante...

Uma pausa. O almirante Gago Coutinho levantou agora mesmo a cabeça de cima da mesa e preguntou:

—Então onde vamos?

—A duas horas da Praia, sr. almirante.

—Ah! Ainda aí vão!? Fez um gesto resignado, encostou novamente a cabeça e continuou a dormitar—segundo os meus calculos...

—Estava vendo que o consumo de gazolina—prossegue o comandante Sacadura—ultrapassava os 20 galões... Com a calôr, a gazolina, que é leve, começou a evaporar-se... Essa evaporação foi tão grande que me levou durante a viagem meia hora de gazolina, ou sejam dois galões. Sabia que a minha velocidade tinha de ser 76 milhas e que só tinha 65 a 70... O vento falhou... Para diante, sabia que ainda havia de ser mais fraco. O que havia a fazer? Ah! foi esta a parte mais amarga da viagem, quando vi que não tinha gazolina para chegar ao penedo. Voltar para trás? Porquê? Toda a gente diria:—*erraram o rumo... tiveram medo...* Não havia remédio senão ir para a frente. Troquei alguns bilhetes com o Gago Coutinho. Um dêsses bilhetes dizia: *Vamos embora!* Outro: *Vamos para diante até onde a gazolina dér.*

«Felizmente, o vento começou a soprar com força; começou a dar-nos mais de 20 milhas por hora. Ao meio dia, cinco horas depois, sabia que deveria chegar ao Penedo, a não ser que o vento desaparecesse por completo. Faltavam 410 milhas... tinhamos andado 500 em 6 horas. O vento refrescou... deu-nos uma velocidade média de 82 milhas por hora...

Palavras do diario de bordo

O almirante Gago Coutinho continúa agora a pôr em ordem os seus apontamentos:

—Para quando eu escrever as minhas memorias...—diz ele.

Entrámos agora na zona das calmarias. Parece que não devia haver vento, mas houve, por um feliz acaso, ou porque a boa estrela dos aviadores nunca os perdeu de vista.

—Atravessámos a região das calmas—fala o comandante Sacadura—Houve sempre vento... Apanhámos aguaceiros fracos... A gazolina ia escasseando...—chegámos ao penedo, praticamente, sem gazolina.

Transcrevo aqui as ultimas palavras do *diario de bordo*, escritas naquela letra garrafal em que o almirante Gago vai coligindo as suas memorias:

Vamos bem... Vejo passaros... Penêdo á vista!... «Republica» no seu posto...

—Tinhamos combinado com o «Republica»—continua o comandante Sacadura—que o navio todos os dias nos mandaria dizer para a Praia o estado do tempo. Na manhã em que saímos o tempo estava bom, mas em 3 ou 4 horas tudo se modificou. Chegámos ao Penedo e encontrámos ondulação cavada. O mar apanhou o flutuador de um lado e cortou-o rente, como se fosse uma navalha de barba. O choque da vaga foi tão rapido que lá dentro não sentimos nada. O avião mergulhou de bico para baixo. Salvámos tudo o que vinha dentro e procurámos rebocador e o aparelho. Um flutuador só não conseguiu aguentar o motor. Demorou menos de meia hora a submergir.

Passamos em claro a vinda do *Fairey-16* a bordo do *Bagé*.

O comandante Sacadura continua:

—A primeira ideia era desembarcar o aparelho no Penêdo e voar até Fernando Noronha. Vi que só em circunstancias muito extraordinarias podia sair do Penêdo. Tambem era muito problemático arrear o aparelho do *Bagé*. Viemos então para aqui e resolvemos ir ao Penêdo e voltar.

O problema da navegação aerea

Interessava-nos saber o que pensava o comandante Sacadura Cabral do problema da navegação aerea. Uma frase apenas:

—*O problema da navegação aerea está resolvido.*

Intervem, nesta altura, o almirante Gago Coutinho:

—Pode-se recear que não haja sol, mas nem isso, porque não ha-de haver sempre nuvens numa grande distancia a percorrer.

—Os portos, diz o comandante Sacadura, é que não estão ainda preparados para a navegação aerea.

Outra frase:

—A parte da navegação aerea, que poderia assustar muita gente, essa não tem dificuldades.

O almirante Gago Coutinho:

—Navega-se como a bordo de um navio. Dá mais trabalho, é certo, por causa das observações, que têm de ser constantes. Temos de contar tambem com o vento, que a bordo de um navio não preocupa ninguem...

—Já se pode navegar então pelo ar com a mesma certeza que se tem no mar?

—Absolutamente.

—Mas porque não tentam outros pilotos fazer o que os srs. fizeram?

O almirante Gago Coutinho:

—Porque lhes falta alguma coisa... Acreditem que há mais aparelhos do que pilotos...

O comandante Sacadura:

—Eu entendo que há mais pilotos do que aparelhos... Toda a gente podia fazer o que nós fizemos...

Sacadura não é supersticioso

—O comandante Sacadura não tinha enguiço com o nome «Lusitania»?

—Por principio sou contrario a nomes, mas não tenho enguiço... Em geral, não encalisto com coisa nenhuma... Quando sai de Lisboa, lembrei-me de crismar o avião... Conheci em Inglaterra uma artista de cinema, Mrs. Manora Thew—é o seu nome artistico. Simpatisei com o nome de Manora e um dia preguntei-lhe o que queria diser. Respondeu-me:—*Good Luck*—boa sorte. Prometi-lhe então que crismaria o meu aparelho com o nome dela... Preparava-me, nessa altura, para tomar parte no *meeting* de Monaco. Não me foi possivel ter o aparelho pronto e a pro-

(Vêr continuação na 4.ª pagina)

Tauromaquia

Touros desembolados em Algés

Reveste-se de grande imponencia a corrida de gala que se realiza ámanhã em Algés, pelas 17 horas e 30 minutos.

O espada «Alcalareño» desenvolverá com as suas aptidões artisticas um tourêio alegre nos seus dois touros desembolados.

Os «cambios» a ferros de palmo feito, com a sua costumada arte aumentam de valor pelo arrojo com que «Alcalareño» se arrima aos touros em hastes limpas.

O cavaleiro Simão da Veiga filho conquistará novos aplausos pelo seu trabalho animado e correcto, como o demonstrou no domingo, por ocasião da sua alternativa.

Jorge Cadete e Alfredo dos Santos, Tomás da Rocha e Luciano, Custodio Domingos e Agostinho Coelho são artistas que demonstrarão ao publico o seu merecimento toureando touros em «puntas».

Chico Marujo dispõe-se com o seu grupo de forcados a patentear mais uma vez a valentia de pegadores de touros.

O curro de 10 bravissimos touros, todos purissimos, foi gentilmente oferecido pelo lavrador sr. dr. José Maria Posser de Andrade, que apresentará 10 belas estampas.

O camarote presidencial e o dos oficiais da Aviação e do sr. encarregado dos Negocios do Brasil ostentarão vistosas ornamentações.

Os bilhetes estão á venda na bilheteira da Praça dos Restauradores.

Na Barquinha

E' cheia de atractivos a corrida que na Barquinha se realiza no dia de Santo Antonio, em beneficio do hospital daquela vila.

Além da estreia da ganaderia do sr. Antonio da Costa Durão, (que era ha muito esperada com ansiedade por grande numero de aficionados), tomam parte obsequiosamente na lide os amadores Rafael Gonçalves e Joaquim Durão.

Lidará a cavalo Rufino da Costa, e a pé, Teodoro, Agostinho Coelho, Largo, Manuel dos Santos (da Golegã), e os praticantes Antonio Quartilho e Manuel Duarte.

O grupo de forcados é o do valente Chico Marujo.

Em Santarem

Em beneficio do Hospital da Golegã realiza-se no dia 11 de junho, em Santarem, uma corrida de 10 touros.

Tomam parte como cavaleiros Antonio Luis Lopes, João Nuncio e Simão da Veiga (filho) e como bandarilheiros Patricio Cecilio, João Malhoa Artur Ribeiro, Rafael e Francisco Gonçalves e Joaquim Durão. O grupo de forcados é o de Santarem, composto por Antonio Abreu (cabo), Serra e Moura, Benjamim Jardim, Joaquim Aguiar, Manuel Cabedo, Antonio Simões e Joaquim Verissimo.

Teatro Chiado Terrasse
EMPRESA «A INTERNACIONAL»
GERENTE: A. EMAUZ
Recita dos autores da feliz revista
Tiro ao alvo!
A'manhã
Sessões da moda

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE—Quarta-feira, ás 8,30 da noite—HOJE
Grande espectaculo animatografico
2.ª e ultima jornada do emocionante «film» e grandioso triunfo do «écran»
ATLANTIDA
O maior sucesso cinematografico
A incomparavel cançonetista de transformação e fantasia
ZORONDO LA BELLA
Deslumbrantes «toilettes» — Magnifico cenario
Deslumbrantes efeitos de luz

Laboratorios de Farmacia
Instituto Pasteur de Lisboa
◂LYOL▸
(Topico oxygenado)
CURA:
FERIDAS — ULCERAS
FURUNCULOS
ERUPÇÕES DE PELE
FARMACIAS:
LISBOA—R. N. do Almada, 88
PORTO—R. dos Clerigos, 36

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

RECORDANDO

Os restos dos herois

estão ao abandono no mosteiro da Batalha

E' preciso acabar com tão grande desmazelo porque o exige a propria dignidade e a honra da Patria

ONTEM

Vai a passar o cortejo.

Das janelas de onde o contemplo, caem como flocos de arminho por vezes ensanguentado, petalas de camelias brancas e vermelhas tiradas dos montões que a alma portuguesa reuniu ali e mandou de cidades distantes, para que cada uma, com o que tivesse, concorresse para á imponente consagração.

Vai a passar o cortejo numa fila enorme de automoveis em que as fardas consteladas e as «toiletes» de gala se congregam.

As palmas estrujem, e as continencias, são agradecimentos pela chuva de flores que a mulher portuguesa sabe espargir, sorrindo.

São agora os «camions», e neles, as bandeiras regimentais soltas ao vento, de envolta com algumas que as nações amigas mandaram aqui para acompanhar na ultima viagem, os corpos dos soldados, que Portugal vai recolher no Pateon Nacional.

E' lindo o scenario e todos sentimos o coração opresso, numa comoção bem clara do sentimento que aqui reuniu tantos portugueses.

Leiria engalanou as suas janelas, e na estrada por onde o cortejo caminha o pó foi abafado com a missanga que o Liz deixou roubar ás suas aguas correntes.

Fóra da cidade já as nuvens de poeira ocultam tudo, pela impossibilidade de fazer o mesmo átapetado até á Batalha. Mas aqui, onde cada habitante, quasi tomou a seu cargo um palmo da estrada, o cortejo segue limpo, aureolado pela maior demonstração patria que tenho visto.

Toda a noite se sentiu movimentado giro de carros e autos, que vão despejar gente junto ao Mosteiro.

Veem de toda a parte, dêste lado dáquem Mondego; os de Lisboa quasi todos ficam já, lá, onde, daqui a pouco, os corpos dos herois descansarão.

Como isto é lindo!

Como faz bem recordar!...

* * *

Foi há poucos meses ainda que este scenario, e este cortejo de vibrações inenarraveis, tomou conta do nosso sentimento.

Vivemo-lo hoje como então, e como então, a mesma ideia presta o comovido preito ao soldado que morreu por nós, além, na Flandres, acolá, na Africa.

Dormem há mais de um ano sob a abobada da sala capitular do mosteiro da Batalha esses dois pedaços de Portugal, filhos de todos nós, irmãos de nós todos. Ao passarmos por lá, há poucos dias, uma amargura infinita afogou o pranto e caldeou o olhar, tão certo é parecer que o pó dos seculos caíu sobre o que lá vai, sobre o que reuniu no mesmo anseio a alma duma nação!

Se não fora a piedosa noção que creou esse mesmo anseio, e hoje, sentinela vigilante, passeia cadenciadamente junto dos ataudes e guarda como mãe estremosa esses testemunhos consagratorios duma causa santificada, onde iriamos nós, tão pouco tempo corrido, encontrar aquilo que tanto peito sofredor ali juntou para atestar ao futuro que o maior orgulho dum peito é defender o patriotico torrão?

Mas, apesar disso, como é triste reconhecer a impotencia dessa sentinela amoravel, que por si só, sem a ajuda do poder constituido, não evita que o tempo corrôa, dilacere, estrague!

* * *

HOJE

O soldado desconhecido, que na Batalha descança para que Portugal lhe preste eternamente a homenagem da sua gratidão, jaz abandonado!

E' triste dizê-lo?

Mas é verdade!!

O Estado, detentor dos meios para evitar esse abandono, nada faz, nada evita, desinteressa-se completamente.

Ha um ano que todos os trofeus de gloria que o cantico do mundo ali mandou, encostados ás paredes, sobrepostos nos bancos, jazem á perder as côres, desmaiando na vergonha de se verem para ali sem cuidados.

E, no entanto, correm em caudais, desperdiçando-se, os escudos, moeda com que em Portugal se pagam os serviços materialmente prestados.

Estraga-se o dinheiro a rôdo, a proposito de tudo, para a obra mais apagada.

Para salvar as reliquias duma consagração patria, não se reune o necessario, não ha, não se procura o preciso!

De quem a maior culpa?

Informam-me que são avultados os esforços prestados por quem superintende no mosteiro, para que, cá em cima, lhe deem todo o apoio a fim de acabar a vergonha que se colhe olhando aquele abandono.

Será assim?

E de acreditar, tão vastos são os exemplos e tão correntio os despiram os nossos homens publicos a *toilette* de cidadãos livres para envergarem a farda politica acorrentadora de vontades e esmagadora de energias.

Mas, seja ou não, é preciso acabar com ele, porque o impõe o respeito que nos devemos, que a Patria exige, e que é preciso manter perante os centenares de estrangeiros que visitam mensalmente aquele recinto.

Alvaro Neto

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Godim, D. Guilhermina de Varenes, D. Ludovina Pinto Coelho, D. Maria Evelina Vecchi Rebelo de Andrade, D. Maria do Carmo Cayola da Mota e D. Mary Ana de Andrade Bastos Reinolds.

E os srs.:

D. Antonio Queiroz de Bragança, D. Antonio Luís Freitas de Lencastre (Louzã), Henrique de Castro Constancio, Nicolau de Goyri O'Neill e Alexandre Maria de Saldanha da Gama de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal).

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Alice Berta de Oliveira Ferreira Ilharco Bastos, esposa do capitão sr. Oscar Rodrigues de Carvalho Bastos.

Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

—Teve a sua «délivrance» a esposa do sr. Luís de Macedo e Brito.

Mãe e filho estão bem.

«Rendez-vous» elegantes

No Chiado Terrasse

Neste elegante teatro, cujas tradições mundanas estão de ha muito consagradas, realizam-se ámanhã as «sessões da moda», com a engraçada e fina revista «Tiro ao alvo!», devendo portanto resultarem brilhantissimas.

Nas ultimas sessões vimos as senhoras D. Maria do Loreto de Borja Trindade e filhas D. Maria do Loreto Manuel e D. Maria do Carmo; D. Mary Andresen de Bregaro, D. Joana de Castel-branco Mendes da Silva, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Aida Santos Fontes Pereira de Melo, D. Tereza Perestrelo Orey Ferreira Pinto Pasto, D. Adelaide Batalha Manzoni de Sequeira, D. Guilhermina Ferrari, madame João Andresen, D. Dalila Pereira Severim de Azevedo e filha D. Margarida Antonia; madame Veiga Simões, D. Maria da Paz Batalha, D. Elisa Batalha, etc., etc.

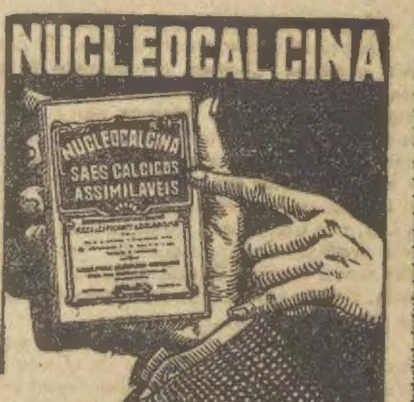
Agenda

A'manhã tambem se realiza a «matinée» elegante no Cinema Condes e a recita da moda no Avenida.

EDEN-Teatro
Companhia Espanhola Barreto Ballester
Hoje — Ás 21 horas (9 da noite) prefixas
3 graciosissimas zarzuelas do «genero chico»
ESTREIA da popularissima e sempre festejada
— LA GRAN VIA —
La alegria de la huerta
e El amigo de Melquiades
desempenhadas por toda a Companhia — Ordem do espectaculo: 1.ª Alegria; 2.ª Gran Via; 3.ª Amigo Melquiades
Segunda-feira, 12 — Penultimo Espectaculo da Companhia de zarzuela — Festa artistica do primeiro actor PEDRO BARRETO
Terça-feira, 13 — Ultimo Espectaculo da Companhia — Festa artistica do primeiro actor LUIS BALLESTER
Para estas duas extraordinarias recitas está aberta a folha no camaroteiro do EDEN, tendo os srs. assinantes preferencia até ámanhã, quinta-feira, 8

ROCHA MARTINS
MEMORIAS
SOBRE
SIDONIO PAIS
Magnifico volume em papel simile-couché profusamente ilustrado, contendo grande copia dos mais importantes documentos historicos do periodo dezembrista.
A' venda em toda a parte
Pedidos ao "A B C", R. do Alecrim, 65

CAMBIOS E BOLSA
SAQUES SOBRE O ESTRANGEIRO
Compra e venda ás melhores taxas
EXECUÇÃO DE ORDENS DE BOLSA, TITULOS NACIONAIS E ESTRANGEIROS
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

NUCLEOCALCINA


TONICO RACIONAL E SCIENTIFICO
Superior aos similares estrangeiros e nacionais
Usado pessoalmente pelos nossos primeiros medicos
CURA A
Tuberculose, Anemia, Falta de forças e de apetite
Farmacia Formosinho
18 — Praça dos Restauradores — 18

O "DIARIO DE LISBOA" encontra-se á venda no Dafundo, na Tabacaria Freire.

O AVIÃO DA GLORIA!

A agonia do "Lusitania"

HISTORIA CURTA DOS SEUS ULTIMOS MOMENTOS

ALGUMAS PALAVRAS DO DIARIO DE BORDO DO COMANDANTE GAGO COUTINHO

(Do nosso enviado especial)

Fernando Noronha, .. Maio — A historia curta do *Luzitania* está ainda por escrever. Pode chamar-se a «Historia breve duma agonia gloriosa». O *Luzitania*, como os senhores sabem, era o avião que devia ter chegado ao Rio de Janeiro, se o mar do Penedo de S. Pedro não se tivesse voltado contra as azas de Portugal, numa furia de leão enraivecido que as submergiu em pouco menos de meia hora. Era o caminho da gloria, era o caminho do ceu.

Sacadura Cabral, a sorrir, num delicioso quarto de hora de intimidade, em que o homem de espirito se revelou, disse-nos que tinha visto no Penedo esta legenda, gravada em letras de fogo: *défense de entrée.* — E' proibida a entrada. E concluiu que no ceu se falava francês, talvez outras linguas e que ele, Sacadura Cabral, não estava nas boas graças de S. Pedro...

Já escrevi isto nas minhas notas de reportagem, mas não resisto ao prazer de o repetir aqui, agora que vou narrar a historia curta do *Luzitania.*

* * *

A todo o momento, o cruzador *Republica* esperava a chegada do avião, que devia aparecer por N. W. A bordo viveram-se horas de ansiedade, que não cabem numa cronica de viagem traçada em cima do joelho, com a mala pronta para seguir a bordo do *Republica* para Pernambuco. E não foram só horas de ansiedade, não; foram tambem horas de verdadeiro martirio, horas de provação, a navegar sempre em volta do Penedo, numa ronda constante, que durou dias inteiros.

Os mantimentos iam-se exgotando e cada oficial chegou a estar reduzido a dois litros de agua por dia para se lavar. Ao almoço, comiam-se bifes de tubarão; ao jantar, carne guizada de toninha.

Quando se levantavam, ao romper da manhã, viram o Penedo; á noite, quando se deitavam, viam o vulto negro do Penedo. Sempre o Penêdo, pela prôa, á ré, a bombordo e a estibordo. Os marinheiros deram-lhe um nome: *o sempre á vista.* O Penêdo era já uma obsessão de todas as horas, de todos os minutos.

* * *

Já passava da hora em que o *Luzitania* devia chegar — cada minuto contava-se por um ano — e todos os olhares se voltavam na direcção em que as azas brancas de Portugal deviam pairar, pela primeira vez, por sobre as aguas brasileiras.

—E' dali que ele há de vir!

—E' dali! E' dali!

Andavam no mar, desde o meio dia, as embarcações que haviam de receber os aviadores para os conduzir a bordo.

A's 17 e 20, lá muito longe, quasi escondido no horisonte, apareceu um passaro branco, a principio quasi minusculo, que depois se foi tornando maior, á medida que se aproximava do navio.

Ao silencio provocado pela ansiosa espectativa, seguiu-se um rumor entusiastico, um minuto de verdadeira confusão, em que andavam no ar os bonés dos marinheiros e a alma de Portugal pairava muito alto, tão alto que andava proximo das estrelas. Romperam os vivas e as aclamações, o entusiasmo louco da chegada, que depois se havia de tornar em tristeza, quando o *Lusitania* desceu sobre o mar para ir direito á sepultura.

Três minutos depois de ser avistado no horizonte, o avião passava por cima do *Republica*, tão proximo do navio que se via o corpo do almirante Gago Coutinho, debruçado na carlinga, a dizer adeus com as duas mãos.

—Seja bemvindo! Seja bemvindo!

Foi o minuto de maior emoção, de mais entusiastica alegria, de mais pura vibração patriotica. Viram-no ainda descer, poisar como um enorme gafanhoto na crista de uma vaga e afocinhar, de cauda levantada, com um dos flutuadores separado do aparelho, como se tivesse sido cortado rente por uma navalha de barba.

A bordo do *Republica* tiveram a impressão nitida de que já não seria possivel salvar os aviadores. O mar estava encapelado e em menos de cinco minutos, sem dar tempo a que o gazolina se aproximasse, tudo se podia submergir. Foi o minuto máior de ansiedade!

O gazolina singrou a toda a velocidade na direcção em que o *Luzitania* se ia submergindo, a pouco e pouco. Gago Coutinho acenava para os tripulantes da embarcação, com mais de meio corpo já safo da furalagem. Sacadura Cabral ficou meio entalado, entre o leme e a sua cadeira, dentro da *coca*, só com a cabeça de fora.

O gazolina atracou dali a poucos minutos. O guarda-marinha Faria Pereira recebeu das mãos do almirante Gago Coutinho o seu sextante e os dois cronometros. Gago Coutinho parecia ter uma unica preocupação, que era maior ainda do que a de salvar ainda: retirar do aparelho todos os seus instrumentos e livros de navegação. Sacadura Cabral mostrava-se ainda preocupado com a falta de gazolina. Foram estas as suas primeiras palavras:

—Já não tinhamos mais gazolina...

Foi ele o primeiro a saltar para a embarcação, com certa dificuldade, porque vinha perfeitamente entalado dentro da carlinga. Gago Coutinho continuava a retirar o seus livros, os seus instrumentos, as malas onde trazia a sua roupa e a tal edição dos *Lusiadas*, que já foi salva de dois naufragios—sem contar o naufragio original.

O avião, no equilibrio instavel em que se encontrava, emperrado pelo vento e pela ondulação, empinava-se cada vez mais e podia de um momento para o outro arrasta-lo para o fundo do mar, onde o *Lusitania* dorme o sono glorioso daqueles que souberam cumprir gloriosamente o seu dever.

Os tripulantes do gazolina instavam com ele para que saisse—já um tubarão acenava lentamente com a barbatana junto do aparelho—para que se não expuzesse ao risco de agua salgada—que lhe podia sair mais salgada do que ele supunha. E Gago Coutinho, imperturbavelmente sereno e serenamente imperturbavel, continuava a salvar com todo o cuidado o que ainda lhe restava dentro do *Lusitania.* O avião formava já um angulo agudo com a linha de agua...

* * *

Só depois de ter tirado todos os papeis, todos os instrumentos, todos os livros, é que se resolveu a saltar para o gazolina e depois para o bote que se tinha aproximado.

Sacadura Cabral, ao leme do gazolina — depois de vir quasi doze horas ao leme do avião—tentava ainda rebocar o aparelho para junto do *Republica.* O *Luzitania* parecia um enorme passaro morto, de cauda para o ar e bico afocinhado na agua. A aza direita tinha-se partido, as madeiras começavam a desconjuntar-se e a tela a rasgar-se em varios pontos. Passou-se uma retenida a meio do aparelho e conseguiu-se ainda trazê-lo a reboque até á popa do navio. Apenas se afastaram do avião, depois de ter salvo o taximetro e a caixa de roupa dos aviadores, o *Luzitania* acabou de se virar, ficando quasi todo mergulhado, apenas com o flutuador que ainda lhe restava fóra da linha de agua. Tentaram ainda içá-lo pelo pau de carga que estava á pôpa do *Republica*; não para o salvar, pois logo de principio se viu estar completamente inutilizado, mas para o conservar como uma reliquia, como uma preciosa reliquia da maior travessia aerea que se fez sobre as ondas.

* * *

Ia anoitecendo e mal se via já. O sol, quando mergulhou no horisonte, tinha uma côr amarelada, que se espelhou sobre uma faxa de mar, pondo scintilações sanguineas na superficie da agua.

Suspenderam ainda o aparelho, mas o cabo partiu-se e o *Luzitania* caíu no mar, mergulhou, e desapareceu em menos de cinco minutos, mesmo junto da pôpa do navio. Tinham salvo um fluctuador, que depois foi disputado em Pernambuco para fazer reliquias, e um tanque de gazolina.

Quando entrou no *Republica*, Gago Coutinho chorava. Ele, que tinha desafiado o ar, que tinha conquistado o ar, chorava, porque o mar lhe tinha roubado o seu sonho.

—O motor que se perdeu era o nosso coração...

Sacadura Cabral fumava, fumava sempre. Ao jantar limitou-se a dizer:

—Voltamos cá para o ano...

O almirante Gago Coutinho:

—De quem tenho mais pena é daquela gente de Lisboa... Tinham tanta confiança nisto.

As ultimas palavras do seu *diario de bordo:*

A's 6 h. 55 m, (g m t) aparece o Penedo pela amura de Sotavento e avista-se tambem fumo 10 milhas a Oeste, ás 7 h. 3 m. tarde Greenwich.

A's 7 h. 10 m.—As pedras a 6 milhas pela amurada de Barlavento e o cruzador Republica *no seu posto.*

Pousou ás 7 h. 16 m. ao pé do Republica, *a 8 milhas a Oeste do Penedo de S. Pedro e partiu-se com a muita calêma.*

As ultimas duas linhas, escritas ainda dentro do aparelho, são a melhor prova da serenidade prodigiosa daquele homem, que já dobrou o cabo dos cincoenta e que tem a vida, o espirito e a força de vontade de um rapaz de vinte e cinco anos...

Em todo o Brasil ha a esta hora dezenas de senhorinhas que suspiram pelo almirante...

Norberto Lopes

NO CINEMA CONDES

OS TRÊS MOSQUETEIROS—AMOR DE PERDIÇÃO

Dois acontecimentos sensacionais esta semana no Condes, a festa do seu sexteto, que ámanhã se realiza com a «réprise» unica do «Amor de Perdição», e a estreia dos «Três Mosqueteiros», a obra-prima de Dumas (pai), que constitue uma verdadeira maravilha cinematografica, tendo causado assombro em Paris, onde se exibiu um ano inteiro consecutivamente. Hoje estreia-se um «film» comico de impagavel graça, «O Pencudo saloio», pelo extraordinario comico americano Larry Semor, destinado a grande exito.

NACIONAL Telef. N. 3049
Espectaculo magnifico
As ultimas representações das notaveis peças
CARTA ANONIMA
— e —
CAVALGADA NAS NUVENS
SABADO, 10 — 8.ª recita de assinatura — A representação da peça em 5 actos, original de AFONSO GAYO
O CONDENADO

POLITEAMA
Empresa Luis Pereira
Telef. N. 3028 A's 21,30
1.ª representação, pela COMPANHIA AMELIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO da comedia de PASO e ABATI, tradução de D. JULIA ESCORCIO
A menina virtuosa

TEATRO SALÃO FOZ
HOJE — Duas sessões
Piparote
SEXTA-FEIRA, 9
Recita de LAURA COSTA
Bilhetes á venda

AVENIDA
HOJE
Continuação do grandioso sucesso
A maluquinha de Arroios
pela Companhia CREMILDA-CHABY
A'manhã — Recita da Moda

ARTIGOS E INFORMAÇÕES | **A Cidade** | CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A casa fechada

Tinha flores, era á beira da estrada, muito recolhida, e o amor cantava nos laranjais já despidos de frutos, com tristeza e saudade.

Todo o dia o canto das aves, maguado e doce, mais lirico que as endeixas da agua corrente, ia entretecendo fios de ouro que aproximavam as nossas almas num religioso e amoroso encanto. De fora, a casa era triste e humilde. Duas janelas apenas, sempre fechadas. Lá dentro, tudo era sonho. Era a nossa ilha distante cheia da tua presença, do teu canto, algumas vezes das tuas lagrimas, onde nunca aportavam velas latinas da desgraça. Como Mona Liza, por detraz dos teus olhos em flor, eu adivinhava o mar; por detraz da tua figura, um ceu todo beleza espiritual, lilaz e sonho, que a minha poesia enchia de signos e de imagens eternas.

No instante divino em que a tua voz se erguia, mansa de principio, como uma pomba que se ergue em seu vôo nupcial, depois mais forte a sangrar de amor realizado, de amor para sempre; eu ajoelhava a teus pés, prendia as tuas mãos, petalas de lirios, nos meus cabelos, e sorria maravilhado pelas volutas calidas da tua voz.

Iamos já sós num barco sem remos, trirreme opalina derivando ao longo duma corrente, marchando sem destino para um oceano de paz e quietação onde os beijos dos amantes se transformam em flores e têm vida que a morte não destroi.

Era o amor mais alto, a religião do amor, daquele amor que ainda não teve versos que o cantasse tão engrinaldado de estrelas ele andava.

O seu corpo de Afrodite, tal como o dela nascido das ondas, teve as petalas dos meus beijos e deles nasceram harmonias que não tem a terra ao crepusculo embalada pelos rios e pelos aromas que são outros rios que só as almas amantes sabem ver.

E hoje? Na minha alma magoada sofre, pequenina e doce, a saudade desse tempo. O meu amor é o mesmo. Deste-lhe as azas da poesia eterna, entregando-te como a Virgem Santissima que concebeu sem pecado.

Artur Portela

RESTAURANT ROMA, LT.ª

(Antiga Flôr de S. Roque)

100 — RUA DO MUNDO — 104

Optimo serviço de mesa á lista.
Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées».

— Preços sem competencia —

Rusgas aos clubs suspeitos

De madrugada o piquete de policia que estava de serviço no Governo Civil saiu, acompanhado do comissario tenente Pio e agente Gonçalves, que percorreram os clubs da baixa, aos quais foram passadas rigorosas buscas por suspeita dos seus frequentadores estarem jogando, não sendo nada encontrado.

CAMBIOS

DIA 7

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	64$000	66$000
*Londres, cheque	4 3/16	4 1/16
» 90 d. v.	4 1/4	—
Rio *Londres	7 1/2	—
*Paris	1$160	1$196
*Italia	$665	$685
*Belgica	1$073	1$107
*Suiça	2$445	2$520
*Espanha	2$014	2$076
*Berlim	$043	$048
*Holanda	4$950	5$100
*Nova-York	12$700	13$100
Austria	1	3
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1.200	1.300

UMA PAGINA DE HISTORIA

COMO SE PERDEU O "FAIREY 16"

"OS APARELHOS É QUE SE PERDEM, E NÃO SOMOS NÓS" DIZ O COMANDANTE GAGO COUTINHO

(Continuação do artigo da primeira pagina)

messa ficou por cumprir. A' saída de Lisboa, como andei sempre muito preocupado com os preparativos da viagem, tambem não tive tempo de crismar o avião.

O comandante Sacadura não é, portanto, supersticioso. Ele o diz:

—E a prova de que não encalisto com os nomes, é que tinha pedido ás senhoras do Rio de Janeiro para crismarem o *Fairey 16*.

A ventoinha vai refrescando o ambiente. Ah! o calor de Fernando Noronha, no inverno, á hora em que o sol cai a prumo sobre as aguas azues da baía! Em frente de mim, um calendario marca: *13 de maio*.

"Tenho varias madrinhas..."

O comandante Sacadura encosta-se mais no sofá e vai descerrando, cautelosamente, uma pontinha do véu que até aqui separava para nós o homem do ar do homem de sociedade. O jornalista não resiste a uma indiscreção, a uma pequenina indiscreção, e faz-lhe a pregunta *carrément:*

—Tem alguma madrinha, comandante?

—Tenho varias madrinhas.

E falámos desta instituição tão simpática, que durante a guerra suavisou a existencia monotona dos que se batiam, levando-lhes sempre uma palavra de carinho, de esperança ou de saudade.

—Tenho varias madrinhas... Algumas nem as conheço... Gosto de ter madrinhas, mas não gosto de as conhecer... A madrinha deixa de ter para mim o seu maior encanto, o encanto do misterio, quando a' conheço. Ha mulheres, sobretudo em França, que são admiraveis de espirito, de galanteria, de *charme* —uma folha de papel de carta...

E contou uma historia que eu vou dizer, passada com um aviador português que durante a guerra se demorou alguns meses em Paris.

—Esse aviador, meu amigo, tinha uma madrinha. Escreveram-se durante muito tempo. As cartas dela eram sempre cheias de interesse; tinham a adoravel virtude de lhe fazer passar o tempo agradavelmente, a lê-las e a responder-lhe. Pela fotografia, *mademoiselle* era uma linda rapariga, susceptivel de prender o coração de um aviador. Um dia marcaram-se «rendez-vous» em Tours, a quatro horas de Paris, aonde ela foi passar um domingo, acompanhada de uma irmã. A cidade estava cheia de forasteiros, que fugiam ao bombardeamento de Paris pela *grosse-bertha*. Não havia um unico lugar vago no hotel onde deviam encontrar-se. Ele chegou primeiro e depois de ter percorrido todas os hoteis de Tours, encontrou um *apartement* menos que sofrivel para passar uma noite. Quando ia a sair do hotel, viu duas senhoras que olhavam muito para ele: uma era a madrinha, a outra era a irmã.

«O aviador meu amigo disse-me apenas isto: — «Quando olhei para a minha madrinha, caíu-me a alma aos pés». Visitaram Tours, tudo quanto se pode visitar em Tours, e estiveram os dois sósinhos na Torre de Pedro-o-Eremita. Despediram-se tal qual como se tinham encontrado. Alguns dias depois, o aviador meu amigo recebia uma carta da madrinha. Dizia isto, pouco mais ou menos: «Estranhei-o muito... Nas suas cartas era diferente... Dizia-me tantas coisas e nem chegou a ter o atrevimento de me beijar a mão...».

A Perola das madrinhas

E o comandante Sacadura acrescentava:

—Já vêem que é preferivel não conhecer as madrinhas... Contou ainda outra historia duma mulher loira. Esta foi em Lisboa. Era uma vez uma mulher loira que leu um anuncio na «Vie Parisienne»... Não, não conto. Ha tanta historia de mulheres loiras!

O comandante Sacadura não é tanto o homem britanico que eu julgava. Quando quere, tambem sabe fazer espirito. A uma das suas madrinhas, vá lá uma pequena indiscreção, escreveu ele que andava á procura da «Perola das Madrinhas» no penedo de S. Pedro. Como a «Perola das Madrinhas» devia ser uma fada, o Penedo ficaria sendo a entrada do ceu.

—Quando lá cheguei, vi estas palavras escritas na porta: «Défense de entrée». Concluí que no ceu se falava francês e que não estava nas boas graças de S. Pedro...

A monotonia do vôo

—Não sentiu cansaço durante as longas horas de vôo?

—Antes de partir, cheguei a pensar nisso. Estava até preparado para fazer a travessia com outro piloto: o tenente Ortins de Bettencourt. Mas depois cheguei á conclusão de que não me faltava resistencia fisica. A Las Palmas (8 horas e meia de vôo) cheguei um pouco extenuado. Na viagem para S. Vicente, a certa altura, senti as mãos adormecidas. Mas, apesar de voar 10 horas e meia, cheguei muito mais bem disposto do que a Las Palmas. Qualquer piloto, normalmente constituido, resiste a 18 horas de vôo.

—E a monotonia...

—Sim, o que se sente mais é a monotonia. Mas é diferente demandar um ponto ou voar durante muitas horas sobre o mesmo logar. Há sempre o interesse da chegada. Ontem, quando o aparelho atingiu a sua carga normal, durante mais de 5 minutos não fui ao leme. O aparelho vinha sósinho. Regulava apenas o rumo. Voar, fisicamente, não cansa, desde que haja bom tempo e o aparelho esteja bem regulado. O que se dá é a tensão nervosa: ir ali encaixado, sem poder mexer as mãos, nem os pés... Maça um pouco esta imobilidade forçada durante horas e horas.

A "panne" no "Fairey 16"

Contou em seguida como se deu a avaria:

—Ia muito descansado. De repente, o motor começou a dar *ratés: tac, tac, tac.* Dei á bomba, julgando que era falta de gazolina. Ainda consegui fazer o *camber* até 6.º, para aumentar o poder de suspensão do aparelho.

O almirante Gago Coutinho:

—Eles é que se partem, não somos nós. Desta vez, não mostramos desejo de que nos mandem outro aparelho. Mas se quizerem estamos dispostos a tudo.

O comandante Sacadura é da mesma opinião:

—Do facto de partir um aparelho, não resulta o piloto tomar medo. Se me mandarem outro, continuo a travessia. Chegar ao Brasil com o mesmo aparelho tinha outra graça. Como não se podem fazer milagres...

O almirante Gago Coutinho, a rir:

—Agora, se quizerem, digam que fui ler a *Viagem do Oriente*, de Lamartine.—E repisa o nome:—De Lamartine, não é qualquer coisa. Da outra vez, li os *Lusiadas*. Já sei os *Lusiadas* de cór... Depois disto, só quero que me deixem ir para a minha aldeia, muito socegado, a ler os meus livro, á sombra duma arvore...

Eram 5 horas da tarde, pelo relogio de bordo. Em Fernando Noronha esperava-nos um grande prato de *cangica* para o jantar. Tambem havia uvas, queijo, goiabada, *pamonha* e *epitomba*. No convés do *Republica*, o motor do aparelho estava voltado de papo para o ar como uma enorme lagosta que tivesse sido acabada de pescar. Numa tira de aluminio, rasgada em não sei quantas partes, lia-se ainda: *Fairey 16.*

Norberto Lopes

Teixeira de Abreu

Como noticiaramos, chegou hoje a bordo do *Arlanza*, vindo do Rio de Janeiro, o sr. conselheiro Teixeira de Abreu.

Os Teatros

Conselho de Arte Teatral

Para fazerem parte do Conselho de Arte Teatral foram nomeados por despacho do Ministerio da Instrução dois delegados da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro e um do Gremio de Artistas Dramaticos.

Garante-nos pessoa idonea que este Gremio nunca existiu, a não ser no pensamento de alguns dissidentes da A. C. T. T. Nem séde, nem socios inscritos, nem nada.

Como se designa então oficialmente uma entidade que pertence a uma organização hipotetica, para ingressar no Conselho de Arte Teatral?

Acreditará o sr. ministro da Instrução na existencia do tal Gremio?

E' possivel que lh'o hajam afirmado. Mas é impossivel que não emende o lapso praticado, quando se convencer de que lhe deram informações erradas.

Teatro português no Japão

O nosso compatriota Abranches Pinto, ha anos residindo em Tokio, Japão, escreveu ao nosso colega brasileiro e distinto artista dramatico Carlos Abreu uma carta descrevendo-lhe o sucesso alcançado pelos seus alunos japoneses com a representação da peça «Egas Moniz», do ilustre poeta e escritor Jaime Cortezão. «Foi a primeira vez—diz Abranches Pinto—que se representou teatro português e em lingua portuguesa. Não saiu muito mal, mas poderia ter sido muito melhor se o meu caro amigo ainda aqui estivesse para me auxiliar nos ensaios e marcação. Trabalhei desalmadamente durante quatro meses, mas a coisa agradou.»

A proposito vem dizer que Abranches Pinto está ha cinco anos no Japão, ensinando a lingua de Camões, com uma roda de alunos que o estimam e prezam muitissimo. Todas as manifestações da nossa Arte, da nossa literatura e do nosso teatro nunca lhe passam despercebidas, fazendo ali a maior propaganda do nosso país. Sua mãe, D. Amelia Abranches Pinto, reside em Coimbra, na rua dos Grilos.

Atrás do reposteiro

A comedia lirica de Pietro Mascagni, «Zanetto», que figurou na festa de D. Eugenia Mantelli não foi uma primeira audição em Portugal. A linda partitura foi cantada pela primeira vez em Lisboa há vinte anos, no teatro Avenida, companhia Sousa Bastos, tendo sido seus interpretes Palmira Bastos e Etelvina Serra.

— Afirmam-nos que a empreza do Chiado-Terrasse alargará as suas explorações teatrais tomando conta, como já dissemos, do Eden-Teatro desde 1 de Julho. A revista de estreia será o «Pica-Pau», tal qual tem sido representada no Porto, e os primeiros artistas da companhia serão Zulmira Miranda, Dina Stichini e Carlos Leal.

— Garcia Ruas realiza em 16 do corrente a sua festa no Salão Foz, dedicando-a á Faculdade de Sciencias. Representa-se a comedia «Estudantes endiabrados», a farça «Um comissario encravado» e um acto de variedades.

— E' definitivamente na proxima sexta-feira que, em festa artistica da formosa actriz Laura Costa, o «Pipa-rote» se apresentará completamente remodelado e com dois quadros novos, um dos quais se intitula «Propaganda de Portugal».

— Está em Lisboa o actor José Alves da Cunha, cuja companhia partirá para o Brasil muito antes da data ha tempos fixada.

— Corre com mais insistencia o boato de que a actriz Ilda Stichini vai formar empreza na proxima época de inverno, dizendo-se até que explorará um antigo teatro da capital há tempos com as suas portas encerradas.

—A companhia de Emilia de Oliveira, que ontem representou em Evora, onde deu três espectaculos, estreia-se hoje em Estremoz, seguindo depois para Elvas, Portalegre, Abrantes, Fundão e Castelo Branco.

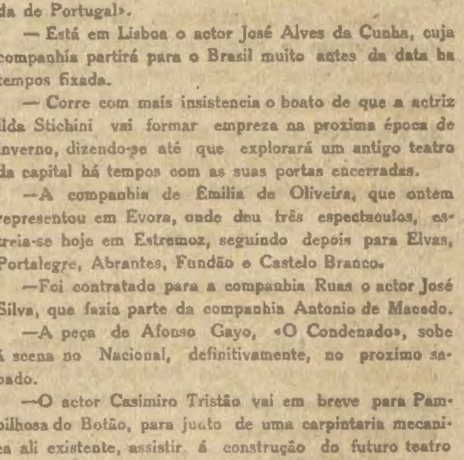
—Foi contratado para a companhia Ruas o actor José Silva, que fazia parte da companhia Antonio de Macedo.

—A peça de Afonso Gayo, «O Condenado», sobe á scena no Nacional, definitivamente, no proximo sabado.

—O actor Casimiro Tristão vai em breve para Pampilhosa do Botão, para junto de uma carpintaria mecanica ali existente, assistir á construção do futuro teatro Joaquim de Almeida, que vai erguer-se no Rato.

—Está em Lisboa o secretario da empresa do teatro Olimpia, do Porto, sr Julio Verde, que vem tratar da aquisição de uns terrenos junto daquela casa de espectaculos, a fim desta ser ampliada e remodelada.

—Visitou hoje o «Diario de Lisboa» a gentil coupletista espanhola Terezita Flores que chegou do Rio de Janeiro no vapor «Porto» e se exibirá num dos principais teatros da capital.



ARTIGOS E INFORMAÇÕES | **A Cidade** | CRONICAS E ENTREVISTAS

O PASSADO

O PALACIO DE QUELUZ E A SUA HISTORIA

Ouvindo o distinto investigador sr. Antonio Caldeira Pires

O velho Palacio de Queluz, scenario de tanto drama da agitada politica portuguesa do seculo passado, perpassou esta noite ante o nosso espirito, desde a sua construção até á sua actual recusa.

Ouviramos dizer que o sr. Antonio Caldeira Pires, erudito e perseverante investigador, andava preparando um estudo sobre o Palacio:

—Um estudo? Uma historia completa. Senão, veja...

E o distinto arqueologo que o publico já conhece, pelos seus trabalhos publicados em jornais e em revistas da especialidade, foi buscar-nos dois grossos volumes dactilografados:

—Ainda se não fez em Portugal, sobre qualquer palacio ou monumento, uma obra tão completa.

E o sr. Antonio Caldeira Pires começa a folhear-nos a sua historia. Está ali tudo, desde a descrição de todas as cerimonias, até á enumeração dos objectos existentes, á sua origem, aos seus autores.

—Levei perto de dois anos a coligir estes documentos. Muitas das minhas investigações devem o seu exito ás facilidades que me concedeu o sr. Custodio José Vieira.

A historia de Queluz continua a perpassar ante os nossos olhos, como se assistissemos dia a dia á sua vida.

Há frases destacadas, comentarios, anotações:

—Junot quiz estabelecer em Queluz a residencia de Napoleão. Chegou a contractar o pintor Manuel da Costa para pintar um N em cada sala do palacio.

Fala-nos dos panos de Arrás:

—Historiadores facciosos chegaram a afirmar que a Casa de Bragança os sorripiára. E' falso. Tenho aqui a nota da casa fornecedora (Paul Boffinet) e das datas das remessas.

Mais pormenores:

—Em Queluz existiu uma fabrica de louça...

—V. ex.ª é partidario da restauração do palacio?

—Sim, desde que respeitem a arquitectura dele.

Fala-se de D. Carlota Joaquina:

—Por mais defeitos que tivesse, essa grande Rainha obscurecia-os com as suas extraordinarias qualidades de inteligencia e de energia.

—Em que estado se encontra actualmente o palacio?

—E' uma vergonha!

E enumera, confrontando a sua descrição com a nota dos objectos outrora ali existentes:

—As estatuas de chumbo roubaram-nas para derreter. Os riquissimos oratorios desapareceram por completo. Nem vestigios...

Um pormenor interessante;

—Tenho aqui três inventarios, cada um da sua epoca. Não imagina as diferenças duns para os outros. Agora então... Uma das pessoas que mais objectos dali tiraram foi D. Pedro IV.

—Quando publica v. ex.ª o seu livro?

—Já está entregue ao editor. Quero ver se ainda vai a tempo de figurar na Exposição do Rio.

Saímos, admirados de como nesta epoca de utilitarismo ferozmente egoista, ainda ha pessoas que se preocupam com estudos da natureza deste.

Os maritimos vão efectuar um Congresso?

As classes maritimas pensam em fazer um congresso maritimo ainda este ano.

JOIAS

Em 2.ª mão, grande sortido

6, RUA DA PALMA, 12

OURIVESARIA QUE TEM UM PAVÃO

A POLITICA DEPOIS DA GUERRA

GENOVA

Os resultados que Portugal obteve da conferencia

Entrevista em 1 acto com o sr. dr. Henrique de Vasconcelos

PERSONAGENS:

O SR. DR. HENRIQUE DE VASCONCELOS, *delegado á Conferencia. Quarenta anos, diplomata desde as botas de verniz, até á cigarrette* Selim. *E' o entrevistado.*

A. P. E F. C., *jornalistas. Não chegam a perfazer meio seculo de idade. O primeiro fala e o segundo ouve. Premeditam ambos em fazer carreira diplomatica; por isso têm gestos sobrios; uma delicadeza excessiva no fumar, de modo que a cinza das suas cigarrettes, tambem* Selim, *não caia senão no cinzeiro.*

SCENA I

Sala modesta. Algumas fotografias: a do sr. José do Vale, tolstoianamente pensando atravez duns oculos, roubados ao sr. Rui de Veras. Melo Barreto, ainda sem lunetas. Livros de poesia e de Italia. A nota feminina: uma figurine, estilizada, vestida á Versailles, suas anquinhas de seda, com um rosiclér na gorja. E' tarde; ha sombra

H. V., *passeiando* — Ainda não chegou o automovel do ministerio. Só lhe posso falar até ele vír.

A. P., *já sentado sobre um magnifico «coussin» vermelho* — O nosso jornal não dispende muita prosa; é um alfôbre de ideias.

F. C., *sentado no mesmo «coussin» aprova lentamente, inclinando a cabeça. O sofá range, pouco diplomaticamente. A culpa é dos jornalistas.* — Estamos em Genova!

A. P. — Como foram recebidos os nossos delegados pelos delegados das outras nações?

H. V. — Com a mesma indiferença com que nós os recebemos. — *E divinizando Italia, o poeta da «Enseada Azul»:* Não nos hospedámos propriamente na cidade. Genova não é uma terra de turismo. Tem apenas um hotel...

A. P. *preocupado com a leitura do «Fogo» incandescente em bom ferro de beleza:* — Cidade do *mare nostrum* onde nasceu Colombo...

H. V.:... de modo que os diferentes delegados espalharam-se pelas vilas da *Riviera*. Fomos para Nervi com os tcheco-slovacos e outros..

F. C. — Com quem é que os delegados portugueses conviviam mais?

H. V. *no seu* mapple, *perna traçada e lento no dizer* — Eu com os italianos; Vitorino Guimarães com os romenos; Teixeira Gomes com os ingleses...

SCENA II

O sr. dr. Henrique de Vasconcelos tenta acender a sua cigarrette pela segunda vez apagada. Ouve-se, lá fora, para lá dos vidros da janela, uma buzina de automovel. Felizmente que o carro não era o do ministerio. Caímos todos em silencio. Os jornalistas com receio da entrevista manquée, *afectadamente diplomatas. O sr. dr. Henrique de Vasconcelos deu dois passos mais, absolutamente indiferentes. A situação foi salva por um oferecimento geral de cigarros*

A. P. — Qual foi a acção dos delegados portugueses na conferencia.

H. V., *retraindo-se* — O que de mais importante fizemos foi o reservar para Portugal manter a protecção á sua marinha mercante.

A. P. — Porquê? A conferencia levantou algumas duvidas?

H. V. — Todos os delegados acolheram com certas reservas a nossa atitude. Não apresentámos resoluções tendentes a fazer desaparecer as diferenças de tratamento entre a nossa marinha mercante e as frotas estrangeiras, nos nossos portos.

A. P., *desafiando a' diplomacia serena do seu interlocutor com uma pregunta com pretenções a escorregadia.*—Em que consistiam essas diferenças?

H. V. — Na importancia dos direitos alfandegarios. Os nossos navios pagam menos. Quasi todas as nações decretaram medidas de protecção ás suas frotas. A França e a Alemanha subvencionam as companhias nacionais, A Inglaterra não, mas não precisa.

A. P. — Tratou-se mais alguma coisa que interessasse Portugal?

H. V., *fechadissimo.*—Sim; questões tecnicas. Fale com os outros delegados. Oliveira Soares lhe dirá. Eu apenas tratava da questão politica... que não deu resultados.

A. P., *insistindo.*—Pequenas questões?

H. V., *sem quebrar a sua diplomacia.* — Pequenas questões, não. Questões importantes que foram tratadas nas sessões plenarias... Assuntos economicos e financeiros... Mais nada,

SCENA III

Impressões da conferencia. Tchitcherine e Lloyd George. Schanzer e os jornalistas. O sr. dr. Henriques de Vasconcelos louva os italianos

H. V.—Trataram-nos muito bem, principalmente o sr. Schanzer, ministro dos estrangeiros. Concederam-nos todas as facilidades.

A. P.—O que obteve a Russia?

H. V.—Primeiro o de tratar com os aliados, de potencia para potencia. O mesmo se deu com a Alemanha...

F. C.—O tratado de Rapallo...

H. V.—Rebentou como uma bomba na Conferencia.

A. P.—E' severamente economico?

H. V.—A' primeira vista assim parece. Mas pode ser que por detrás dele... A' sombra desse tratado é possivel á Alemanha construir fabricas de material de guerra na Russia que servirão para os dois paises.

F. C.—E a França?

H. V., *um pouco dificil de ouvir, ainda que em plano superior ao nosso, porque esta de pé*—A intransigencia dos seus delegados... Poincaré representa a opinião da França. Sentiu-o quando estive em Paris, a caminho de Genova. Tambem o pequeno proprietario francês considera o pagamento da divida russa uma questão de vida ou de morte. São muitos milhões de francos e a Russia não quiz reconhecer o direito de propriedade privada...

Uma revelação grave, num gesto de todos os dias, de todos os momentos e que é o de acender um cigarro.

H. V.—A grande figura da conferencia foi Lloyd George. Ele era maior que todos. Todos os outros eram iguais entre si. Lloyd George afastou a guerra europeia que estava iminente... Disse-o num discurso.

F. C.—Outras consequencias da conferencia?

H. V.—Esteve para falir varias vezes. Já alguma coisa se conseguiu reunindo 34 nações sob o mesmo tecto, saidas da guerra...

A. P.—Como foi tratada a imprensa?

H. V.—A conferencia não teve nada de secreto. Tudo se confiou aos jornalistas, ao contrario do que se passou na Conferencia da Paz. Isto teve um grande objectivo porque cada jornalista fez a politica do seu país. Schanzer, num almoço que lhe foi oferecido, declarou que a imprensa italiana, apesar de indisciplinada, mostrara ter compreendido no decorrer da Conferencia os interesses da Italia... Só nós...

H. V. *com o seu cigarro Salim, definitivamente apagado*—A Conferencia teve uma grande importancia sob o aspecto economico e financeiro. A questão politica não teve os resultados que se desejava, pela atitude da Russia.

O PROGRESSO

NO TUNEL DO ROCIO REINA A ESCURIDÃO

O que nos diz sobre o assunto um empregado da Companhia

Todos os leitores vão de vez em quando dar a sua passeata até fóra de portas, a Sintra, a Queluz, á Amadora. Quere dizer: — nem todos... E é para aqueles que, tolhidos por afazeres ou por qualquer outro motivo, não podem abandonar a cidade, que nós escrevemos as linhas que seguem. Os outros já as sabem de cór, infelizmente para eles...

Pois é verdade, embora não o creiam certos optimistas que teem a mania do «côr de rosa»: — o tunel do Rocio — neste seculo do progresso e das luzes! — encontra-se completamente ás escuras... Completamente não é bem assim: da agulha 26 até Campolide:

— Qual a razão porque não se ilumina? — foi a pregunta que hoje fizemos a um empregado da Companhia.

— Olhe, a principal razão porque ainda não ha no tunel iluminação electrica é a abundancia extraordinaria de agua... a humidade...

— Mas tentou-se ha tempos forrá-lo de azulejos...

—E' facto. Mas a humidade em breve inutilizaria tudo, os azulejos caíriam, os fusiveis fundir-se-iam.

—Porque razão não se iluminam, então, as carruagens? E' uma vergonha!

—Que quere? a Companhia não está para grandes despesas de azeite.

E confidencialmente:

—Se fosse só isso... E o azeite podre? E certos escandalos á roda disso?

—Em resumo: quem paga é o publico. Vá uma senhora aventurar-se, sosinha, de noite, á fazer uma viagem até aos arredores...

—E agora no verão com a aglomeração de passageiros nas plataformas...

—Constitue um perigo bastante grave. Pode ocasionar desastres...

—Que quere que lhe faça?

A Companhia que medite nisto — se é que os pretores cuidam de coisas tão *minimas...*

O CASO DO «METROPOLITANO»

Uma carta do sr. Angel Castelo

A proposito da noticia que ha dias publicámos ácerca do «Metropolitano» que se pensa construir em Lisboa, diz-nos em carta o sr. Angel E. Castelo, representante de uma das emprezas que se propuzeram realisar essa obra, que vai submeter á apreciação da camara municipal os elementos de que a mesma disse carecer para fazer a concessão pedida. Acrescenta o sr. Castelo estar crente de que a referida camara, em face dos argumentos que vão ser-lhes postos, acederá a deferir ao requerente.

O Supremo Tribunal Militar

confirma a sentença que absolveu dois oficiais e um sargento

O Supremo Tribunal Militar confirmou a sentença proferida pelo 1.º Tribunal Militar Territorial, que absolveu o tenente sr. Castro Antas, alferes sr. Sergio Fernandes Serra e 2.º sargento José Candido dos Santos Mota, acusados de terem cometido varias irregularidades nas escritas do C. E. P. em abril de 1918.

300.000$00

16 Junho 1922

NO **PINA**

A casa mais feliz de Lisboa

PEDIDOS A

Costa, Limitada

RUA DE S. PAULO, 75 e 77

Tel. 3486 C. — LISBOA

Fabrica de moveis
GIL DIAS D'ASSUMPÇÃO

Fornecedor da Legação Britanica — Proprietario da antiga Fabrica de Moveis na
RUA DO SACRAMENTO, Á LAPA, N.os 29 a 33

Participa a todos os seus ex.mos clientes e amigos que reabriu, depois de completamente remodelada, a sua galeria de exposição de mobiliario artistico em varios estilos e que, como sempre sob a sua direcção de tecnico com longa pratica continua executando os solidos, elegantes e confortaveis moveis estofados genero inglês e americano (antiga especialidade da casa), esperando ficar devendo a honra de uma visita ao seu estabelecimento

29-33, Rua do Sacramento, á Lapa, 29-33

Telephone 1884 C.

"GARANTIA"
(Companhia de Seguros fundada em 1853 com Séde no Porto (edificio proprio)

CAPITAL REALIZADO 1:000 CONTOS

Sinistros pagos até 31 de Dezembro de 1921 Esc. 9.007:740$60,3

SEGUROS DE VIDA em todas as suas combinações entre os quais os vantajosos seguros: **Familiar** (seguro de capital e pensão) e **Mixto de capital duplo**, (que duplica o capital caso de sobrevivencia).

Seguros, terrestres, maritimos, agricolas e de automoveis

AGENTES em Lisboa, Coimbra, Faro, Santarem, Olhão e Portimão

José Henriques Tota, Ltd.

BANQUEIROS

Em Lisboa telef.: 533, 1589, 4078, 4152 e 4153

CALDAS DA FELGUEIRA
BEIRA-ALTA
CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical da: Bronquite, doenças do coração, flebitos, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.a ordem

ABERTURA 1.° DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

O "Diario de Lisboa,, no Brasil

O nosso correspondente e representante no Rio de Janeiro e S. Paulo é o sr. Domingos José Cardoso, com escritorio na primeira destas cidades, na rua das Andradas, 40, para onde todos os nossos amigos, colaboradores, anunciantes e assinantes do Brasil podem enviar as suas ordens.

Este nosso representante possue um serviço completo de informações sobre preços de publicidade, assinaturas e tudo que diz respeito ao «Diario de Lisboa»

Clodoveu Mendes
Comissões

Consignações e representações

Material electrico

Rua do Arco Bandeira, 70, 3.°

LISBOA

Dentes artificiais
BERNARDINO NUNES

Rua da Palma, 40, 1.°

Muito mais baratos, de origem alemã e importação directa. Colocam-se aptos á mastigação, sem despeza de extracção ou consulta

TOLDOS
Para estabelecimentos, janelas, terraços, embarcações, jardins e praias

EXECUÇÃO, REPARAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO

ENCERADOS

Para vagons, camions, barcos, maquinas e carroças

VENDA E ALUGUER

Aparelhos em navios e ascensores. Costuras em cabos de linho, pita e arame.

Balões para defença, boias salva-vidas, coletes de salvação, etc.

Redes para Tenis e Foot-Ball, Lonas, Brins, Colões, Bandeiras, Cabos e mais aprestes para embarcações.

A ACTIVA

RUA 24 DE JULHO, 8, 8-A, 8-B

FUNDADA EM 1884

Telefone-C. 3474 e 1601 — Telegramas ACTIVA

CAVALHEIROS!!!
QUEREIS ANDAR «CHICS» E NO RIGOR DA MODA POR POUCO DINHEIRO?

Visitai a Lavandaria Brasileira

Praça de S. Paulo, 12, 1.o

Onde se lava e se tira todas as nodoas, passa-se a ferro e se faz todos os concertos

Viram-se fatos e sobretudos de homens

Serviço garantido com brevidade

Numa só palavra — DE VELHO A NOVO

INGLEZ
PROFESSOR ENSINA PRATICO E TEORICO

Metodo rapido, podendo dar lições em casa do aluno

Carta a este jornal a A. M.

OURO e PRATA
muito mais BARATO

e SÓ pelo PESO

Cordões, correntes, travessões e mais objectos

Grande sortido

Só no CORREIA, MOURA & PIMENTA, L.A

Rua de S. Paulo, 186

(Proximo á Casa da Moeda)

Caminhos de Ferro do Estado
Direcção do Sul e Sueste

Armazens Gerais

Venda de cerca de 40 toneladas de sucata de limalha de ferro

Pelo presente anuncio se faz publico que no dia 28 de Junho, pelas 13 horas, perante a direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, e na sua séde, rua de S. Mamede, n.º 63, (ao Caldas) Lisboa, se ha de proceder a concurso publico para a adjudicação da venda de cerca de 40 toneladas de sucata de limalha de ferro.

Para ser admitido á licitação deverá o concorrente mostrar que efectuou em qualquer das tesourarias dos Caminhos de Ferro do Estado, até ás 15 horas do dia anterior ao concurso, o deposito provisorio de 3$50.

As propostas devem ser feitas em papel selado ou com um selo de 30 centavos devidamente inutilizado.

O concorrente a quem fôr feita a adjudicação terá de reforçar o seu deposito provisorio com a quantia necessaria para perfazer 5 o|o da importancia total da adjudicação, constituindo assim, para garantia do respectivo contracto, um deposito definitivo, que ficará á ordem da direcção dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste por intermedio da qual será posteriormente tranferido para a Caixa Geral de Depositos.

O reforço indicado deverá efectuar-se na mesma tesouraria em que tiver sido realizado o deposito provisorio.

Esta sucata pode ser vista no recinto das Oficinas Gerais (Barreiro).

O programa do concurso e o respectivo caderno de encargos acham-se patentes na secretaria da direcção, rua de S. Mamede, n.º 63, (ao Caldas) e na dos Armazens Gerais (Lisboa estação do T. P.) onde podem ser examinados em todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas.

Lisboa, 18 de Maio de 1922.

O engenheiro chefe de serviço de Armazens Gerais, *Feio Terenas*

OS MELHORES CALÇADOS
CLARK
A' VENDA NA

Sapataria Contente L.da

Rua do Carmo, 74

Especialidade em Formas Americanas

Estoril-Termas
Abertura em 1 de Junho de 1922

Agua termal, cloretada sodica, sulfatada e bicarbonatada calcica, etc.

Bastante radio-activa

Banhos de imersão, duches, duches debaixo de agua, inalações, pulverisações, irrigações, etc.

Banhos de bolhas dar, lamas radio-activas. Tratamentos pela luz, calor, maçagem e electricidade. Mecanoterapia.

Kinesiterapia-Esgrima

Tratamento de reumatismo cronico, da gôta, da nevralgia sciatica; doenças de senhoras, do linfatismo, doenças da pele, das doenças do aparêlho gastro-intestinal, das fossas nasais e da laringe, perturbações cardio-vasculares, etc.

O «Diario de Lisboa» vende-se em Paris na «Portugaise Publicité», Boulevard Magenta, 30.

"DENTALINA" A bôa higiene da bôca, alvura e conservação dos dentes, só se consegue usando esta marca, por ser superior a todas as pastas. Deposito Geral Rua do Loreto, 55, 1.°

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

OS DESTINOS DO MUNDO

A FRANÇA

e qual vai ser a sua representação na proxima Conferencia de Haia

Os peritos franceses

não tornarão a discutir com os delegados russos?

PARIS, 7

O governo francês vai pronunciar-se quanto antes ácerca da sua participação na conferencia de Haia. Provavelmente a França far-se-ha representar por peritos financeiros e economicos na reunião preliminar que se deve realizar de 15 a 25 do corrente entre os aliados e os neutros, com exclusão dos «soviets»; a França, todavia, não continuará a tomar parte no seguimento da discussão com os russos se verificar que naquela reunião se não observam as condições do «memorandum» de 1|6, que considera indispensavel o exito das novas negociações. —(H.)

Na Irlanda

Ataque a um hospital

BELFAST, 7

Na segunda-feira á meia noite as bálas penetraram no hospital catolico de Nossa Senhora da Misericordia, partindo grande numero de vidros e causando grandes prejuizos materiais. A fuzilaria, que procedia aparentemente do fogo dirigido contra a prisão vizinha, durou 45 minutos e provocou o terror entre os doentes.—(H.)

TEATRO APOLO
HOJE — Peça popularissima, das mais graciosas e atraentes

a revista regional

PORTO, tantos de tal

com a sensacional apoteose de um carro electrico atravessando uma — — — ponte — — —

LANIFICIOS.
PEDIR SEMPRE AMOSTRAS AOS GRANDES ARMAZENS DA BEIRA

20-22-Rua dos Retroseiros, 24-26

PERES & ABRANTES, SUC.

Ultima hora

Os fabricantes Donas, da Covilhã, com deposito nesta cidade á rua dos Fanqueiros, 187, 2.°, acabam de receber nova remessa de lãs e estambres para fatos e vestidos por preços baratissimos e ao alcance de todas as bolsas.

Tambem vendem aviamentos de alfaiate.

Nota — Garantem sempre 30 por cento, a quem provar que compra por iguais preços.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A morte de Lenine

DEVE SER APENAS UM BOATO

A noticia e a Conferencia de Haia

A França está onde estava

Em primeiro logar algumas linhas sobre a anunciada morte de Lenine. Morreu ou não morreu? Uns dizem que sim, outros que não. De Berlim afirmam e de Londres negam; qualquer das informações é tão categorica que se pode acreditar tanto numa como noutra, ao sabor das inclinações particulares de cada um.

«As informações recebidas pelo governo alemão dizem que a doença de Lenine é uma congestão cerebral, mas diz-se que ele tambem poderia ter sido deposto e até assassinado». Assim comunica o *Daily Telegraph* para o *Matin*.

A doença é pois muito complicada para ser defendida. Cada um pode aceitar a hipotese que mais convier ao seu estado de espirito.

Mas em resumo podem preguntar-nos qual será a hipotese mais provavel?

E' a seguinte: Estamos a breve praso da Conferencia da Haia, em que os russos terão de novo o papel principal, como em Genova. Se Lenine morresse, a Russia, segundo todas as probabilidades, encontrar-se-hia numa situação dificil que a levaria talvês a capitular, pelo menos em parte.

A noticia desta morte lisonjeia os desejos de muita gente, e faz pelo menos grande barulho. Tem sido lançada muitas vezes, especialmente pouco antes da Conferencia de Genova, em que percorreu o mundo como um toque de clarim. A morte de Lenine, segundo o costume, deve ser pois um boato, sem qualquer utilidade, porque não ha decerto nenhum governo bastante ingenuo que baseie os seus calculos numa noticia destas, e os que firmarem nela alguma esperança de modificações futuras arriscam-se ás desilusões costumadas.

E' preciso receber sempre a noticia da morte de Lenine com as maiores reservas. Ainda que alguma vez ela será certa...

***

O memorandum que o governo francês enviou ás nações convidadas para Haia, é notavel.

Considerando que os peritos devem determinar um programa completo e preciso dos meios que oferecerão á Russia para a sua restauração, entende que os primeiros a ter em conta são os que dizem respeito á agricultura, aos transportes e á industria.

A sua ideia nestes três assuntos podem resumir-se no seguinte:

1) A fonte primacial da vida russa e a primeira a considerar na actual situação, é a agricultura. Dela depende a reconstituição industrial e o renascimento economico, porque a Russia, potencia exportadora de pão, precisa antes de tudo produzir o suficiente para si mesmo.

Isto é elementar e salta aos olhos do mais leigo nestas questões.

2) Quanto a transportes, é indiscutivel que sem eles o propôr não passará duma aspiração vaga. E' uma falta que afecta o mais profundamente a vida economica; depois da seca que tornou nula a colheita do ano passado, a falta dos transportes é a causa principal da crise aguda da fome, porque impede que os viveres dum logar sejam levados aonde os não há.

Compreende-se bem que a existencia da industria é tão impossivel sem transportes como a distribuição de viveres.

3) Diz respeito á industria. O governo francês faz aqui uma observação que a Inglaterra notará: Não se deve procurar abastecer a Russia de produtos mas dos meios de os procurar a si mesma. Isto é, não se devem enviar á Russia produtos manufacturados, mas auxilia-la a desenvolver uma industrial nacional tão forte que dispense a importação.

A realização deste pensamento seria o aniquilamento das esperanças britanicas que vêem no mercado russo o prosseguimento do seu poder industrial.

Claro que a ideia do governo francês não é viavel senão por metade. No entanto, se não fossem outras dificuldades de que já trataremos, um tal numero no seu programa chamaria sobre a França as boas graças do governo russo á custa da Inglaterra...

Depois de todas estas considerações parece que a França está mais conciliadora para com a Russia?

E' uma ilusão: Tudo isto são hipoteses do que as nações fariam, do que a França faria, se os «soviets» restituissem a propriedade privada.

O «Temps», comentando o «memorandum», termina:

«Por outras palavras, o regime que reina na Russia não é, porventura, incompativel com as condições preliminares de toda a reconstituição russa?»

Por consequencia, todo o «memorandum» tende a convencer as nações do que se deveria fazer, «se os «soviets» não existissem». A França está onde estava; o seu programa seria aplicavel, sim, mas numa Russia que não é Russia.

MOSCOU, 7

O *Viesunik*, orgão oficioso de Lenine, diz que depois da grave crise provocada pela gastro-enterite, o doente está em via de restabelecimento. — (H.)

Telefone C. 3033 — **SOUZA, MOURA & C.A, L.DA** — End. Tel. «SOURA»

CASA BANCÁRIA

103, RUA AUREA, 105

LISBOA

COMPRA E VENDA DE MOEDAS, NOTAS ESTRANGEIRAS, PAPEIS DE CRÉDITO, ORDENS DE BOLSA, CHEQUES E SOBRE AS PRINCIPAIS PRAÇAS DO PAÍS E ESTRANGEIRO. DEPOSITOS Á ORDEM E A PRASO. TODAS AS TRANSACÇÕES BANCARIAS

"DIARIO DE LISBOA" Vende-se, em Paris, na "Portugaise Publicité", Boulevard Magenta, 30

NOVAS DE ESPANHA

AFONSO XIII

foi alvo de uma imponente manifestação sendo-lhe arremessadas muitas flores

Uma pendencia de honra

entre o coronel Riquelmene e o general Sanjurjo

MADRID, 7

Afonso XIII, que se encontra na cidade de Barcelona, a fim de inaugurar a exposição de automoveis, foi alvo de uma recepção entusiastica, sendo constantemente ovacionado, tanto á sua chegada, como ao percorrer a povoação de carruagem, sendo arremessadas muitas flores. — (H.)

MADRID, 7

Foi resolvida satisfatoriamente a pendencia de honra suscitada entre o coronel Riquelmene e o general Sanjurjo, lavrando as testemunhas uma acta em que declaravam que não havia motivo para os adversarios se baterem. — (H.)

Um quadro de Rembrandt

roubado dum museu!

STUTTGART, 7

Uns desconhecidos roubaram durante a noite, do museu desta cidade, o celebre quadro de Rembrandt, «S. Paulo na Prisão», que é avaliado em cinco milhões de marcos.—(H.)

Sociedade das Nações

Um congresso da união das associações

PRAGA, 7

O congresso da união das associações para a Sociedade das Nações aprovou a admissão das associações armenia, bulgara, otomana, dinamarquesa, estoniana e ukraniana e adiou a admissão da associação letoniana.—(H.)

Os italianos no estrangeiro

ROMA, 7

O congresso da Liga Italiana discutiu ontem e hoje a reforma consular e a situação dos italianos no estrangeiro. — (L. A.).

EM ARMAZEM

Motores electricos
Dinamos

ANPERÓMETROS E VOLTIMETROS

Lampadas, fios, cabos,

Etc., etc., etc.

John M. Sumner & C.º

Sucessor

JOSE J. TEIXEIRA

29-Avenida da Liberdade, 39

LISBOA

6 HORAS DA TARDE ULTIMAS NOTICIAS 6 HORAS DA TARDE

A BORDO DO "ARAGUAYA"

A caminho do Rio de Janeiro

Candido Sotto Maior e Antonio Vieira Pinto

têm uma afectuosa despedida

A bordo do *Araguaya* seguiram esta tarde para o Rio de Janeiro os srs. Candido Sotto Mayor e Antonio Vieira Pinto, ilustres financeiros da nossa praça, que tiveram um carinhoso bota-fora. No Cais de Sodré viam-se alguns dos nossos primeiros banqueiros, muitas entidades financeiras, representantes do consulado brasileiro e muitos amigos. Os srs. Candido Sotto Mayor e Antonio Vieira Pinto foram alvo de uma manifestação de simpatia, agradecendo verdadeiramente sensibilizados as provas de afecto que receberam.

Entre as numerosas pessoas que vimos no cais e, impossivel será tomar nota de todos os nomes, lembramo-nos dos seguintes:

Dr. Caeiro da Mata, dr. Lobo d'Avila Lima, dr. Carlos Barbosa, Alfredo Pinto, Pedro Bordalo Pinheiro, Manzoni Sequeira, Miguel Martins, José Burnay, Frederico Burnay, conselheiro Ernesto Driesel Schroeter, Castro Lopes, dr. Ricardo Jorge, filho, Antonio Taborda, Marques da Silva, Guilherme Filipe, dr. Manuel Macedo Santos, dr. José d'Azevedo Castelo Branco, André Supardo, dr. Joaquim Manso, Felix Correia, dr. Carneiro Pacheco, Alvaro de Andrade, Agro Ferreira, Nobre Martins, Maximiano de Faria.

Pereira dos Santos, José de Menezes, Joaquim Soares, Antonio Joaquim Marques, Miguel Bruschy, Potier de Lima, João Diogo Junior, Freitas Gonçalves.

Silva Pereira, Antonio Vasconcelos, Abel Cardoso, José Rodrigues Menezes, Roby Burnay, Eurico Cameira, Joaquim Leitão, Antonio Monteiro, França Amado, Silva Monteiro, dr. Raul Courrège, dr. Manuel Lourenço.

Dr. Julio Cruz, Camilo Duque, Mario Amaro da Costa, Espirito Santo Lima, Ramiro Leão, José dos Santos Freitas, coronel da G. F. Francisco de Macedo, Julio Mesquita, dr. Nunes da Silva Junior.

Dr. Gabriel Pinto, Torres Vouga, Francisco José da Silva, Alvaro Campos, Isaac Pereira, João Carvalhosa, Domingos Campos, Fernando Bazarro, Isaac Bastos.

Dr. Nunes Mexia, Delesque Cintra, dr. Frederico Igrejas, José dos Santos Lima, Antonio Meira, Eduardo do Amaral, Dr. Domingos Pinto Coelho, Mario Costa, dr. Carneiro Pacheco, Antonio Avila Amaral, dr. Lobo d'Avila Lima, dr. Arbués Moreira, João Pires Correia, José Castelo Branco, Eduardo d'Oliveira, Guilherme Filipe, Alvaro de Mendonça, Luis Trigueiros, Ramiro de Magalhães, dr. Egas Moniz, Antonio Bernardino Ferreira.

Vitór de Oliveira, Faro e Oliveira, José Maria Soares, Castro Lopes, Diamantino Costa, Manuel da Cruz, Alfredo Vieira Pinto, Emilio Burnay, dr. Macedo Santos, Alberto Claro, Ricardo Cunha, Henrique Ferreira, João Vilar, Frederico Burnay, José Burnay, D. Francisco de Almeida, Antonio Monteiro, Joaquim Soares, Pedro Guimarães, Antonio Augusto de Sousa,

Dr. Bernardo Pinho, Alvaro dos Santos Lima, Manoel Barbosa, Marques de Almeida, Fernandes de Oliveira, Henrique Rollin, Pedro Franco e filho, dr. Correia de Barros, comandante Taborda, etc., etc.

Seguiram tambem a bordo do *Araguaya* o sr. dr. Manoel da Rocha e Artur Bebiano.

EM COIMBRA

UMA FESTA DE ARTE

Deve realisar-se em Coimbra, no proximo domingo, no teatro Sousa Bastos, promovido pelas senhoras D. Aline de Brito e D. Maria Alarcão, um sarau de Arte em homenagem á distinta professora senhora D. Eugenia Mantelli. O programa, que foi constituido por forma que esta festa revestisse o maior brilhantismo, é abrilhantado com os nomes das distintas alunas senhoras D. Lucilia Cantarino, D. Angela Courrege, D. Lucilia Piedade, D. Maria Amelia Teixeira, D. Albertina Ferreira da Costa e D. Maria Emilia Macieira e dos srs. Jorge e Luiz Macieira. Os coros são constituidos, por especial deferencia, por um grupo de gentis senhoras e rapazes da sociedade elegante de Coimbra, e ensaiados pelo eminente maestro e compositor sr. dr. Coutinho de Oliveira. Atendendo á forma cuidadosa e inteligente como esta festa está sendo constituida, é de facil previsão o entusiasmo que a mesma deve causar.

CONFERENCIAS

Conferenciaram hoje com o sr. ministro das Finanças os srs. D. Luiz de Lancastre e Joaquim Pessoa, directores da Companhia dos Fosforos; dr. Baltazar Cabral e Henrique de Mendonça.

AZAS TRIUNFAIS

O "FAIREY 16" SEGUE AMANHÃ DE PERNAMBUCO PARA A BAÍA

Os aviadores regressarão a Portugal a bordo do "Republica"

Os aviadores partem ámanhã de Pernambuco para a Baía.

O sr. ministro da Marinha enviou hoje ao comandante Sacadura o seguinte telegrama:

Comandante Sacadura—Cruzador «Republica»—Pernambuco.—Concluida a travessia do Atlantico, felicito-os calorosamente em nome da Marinha pelos optimos resultados e ensinamentos colhidos. Podem ter o legitimo orgulho de haverem projectado e realizado uma das mais belas obras em proveito da sciencia e da humanidade.

O sr. Azevedo Coutinho enviou tambem ao comandante do cruzador «Republica» o seguinte telegrama:

Agradeço as felicitações enviadas, sendo-me grato reconhecer a valiosa colaboração do pessoal do cruzador «Republica» no bom exito da travessia realizada.

Cruzador «Carvalho Araujo»

O cruzador «Carvalho Araujo» deve já ter chegado hoje á Bahia, onde aguardará o «Fairey-17», a fim de lhe dar apoio.

De Pernambuco para Vitoria

O cruzador «Republica» logo que os aviadores partam de Pernambuco seguirá para o porto da Vitoria.

O regresso glorioso

Os intrepidos aviadores vêm para Lisboa a bordo do «Republica»

Os aviadores devem regressar a Lisboa a bordo de um dos cruzadores, sendo quasi certo que será o cruzador «Republica» que terá a honra de os conduzir.

Telegramas de felicitações

O governo tem recebido varios telegramas de saudação pela chegada a Pernambuco dos ilustres aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, e dando-lhe conta das muitas manifestações que se teem realizado na provincia por aquele motivo.

O bodo comemorativo

Além das juntas de freguezia dos Martires e da Conceição Nova, tambem auxiliaram o sr. governador civil no grande bodo aos pobres, em comemoração da chegada dos aviadores portuguezes ao Rio de Janeiro, as juntas de Santos-o-Velho, Pena, Ameixoeira e Santa Catarina.

* * *

O regedor da Freguezia de Arroios, sr. João Augusto Duarte de Souto, enviou ao governador civil, para o bodo que vai distribuir aos pobres de Lisboa, comemorando a gloriosa viagem aerea dos dois grandes portuguezes Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a quantia de setecentos e trinta escudos, produto da subscrição aberta naquela freguezia.

A missa campal em Pernambuco foi imponentissima

PERNAMBUCO, 7.—Realizou-se a missa campal, á qual assistiram os aviadores. A imponencia da celebração excede tudo quanto possa supôr-se de grande e de comovedor. Parecia que Portugal havia resurgido e que estava ali, de joelhos, como outr'ora, a receber, com as bençãos do ceu, a suprema consagração do seu valor. Chorava-se sem dar por isso. O sermão foi magistral, dir-se-ia que o sacerdote conseguira, por um milagre de intuição, traduzir o pensamento unanime da enormissima assistencia. Inolvidavel.

Os aviadores partem ámanhã para a Baía. Sigo a bordo do «Republica» para o porto de Cabral.—*(Norberto Lopes).*

A Farmacia Central do Exercito, em Campolide

Foi hoje visitada pelo sr. ministro da Guerra

O sr. ministro da Guerra, general Correia Barreto, visitou esta manhã, acompanhado do seu ajudante de campo sr. capitão Quaresma, a Farmacia Central do Exercito, em Campolide. O sr. general Correia Barreto era aguardado pelo director da Farmacia, sr. major Julio Maria de Sousa, e pela oficialidade que ali faz serviço.

Em seguida realizou-se a visita a todas as dependencias.

Depois escreveu no livro dos visitantes o seguinte:

«Como ministro da Guerra, porque fui durante muitos anos industrial por conta do Estado, louvo e admiro a administração deste estabelecimento modelar, que tem dado uma grande economia ao ministerio da Guerra e que representa um enorme beneficio para os oficiais e suas familias.

Os resultados obtidos são devidos ao muito zelo, proficiencia e honestidade do grande republicano sr. Julio Maria de Sousa, bem como os oficiais que servem sob as suas ordens.»

O major sr. Julio Maria de Sousa agradeceu a visita do ministro e os encomios que lhe foram endereçados. Terminadas as saudações da praxe, o sr. Correia Barreto retirou-se, sendo acompanhado, até á porta do automovel, por toda a oficialidade.

Uma busca por denuncia

Tendo o sr. governador civil recebido a denuncia de que na séde do Centro Antonio Maria Batista, na rua dos Condes, existiam caixotes com bombas de dinamite, ordenou que dois agentes da P. D. S., ali passassem uma busca rigorosa, sendo apenas encontradas duas grandes bolas de ferro que têm serventia numa prensa.

O Orfeon Academico de Coimbra

O Orfeon Academico partiu ontem para Coimbra, no comboio das 21,30.

Os acontecimentos da noite sangrenta

Segundo nos consta, vai ser enviado ao 1.º Tribunal Militar Territorial o auto do corpo de delito respeitante ao 1.º cabo da armada Abel Olimpio «O Dente de Ouro», bem como o dos restantes presos que se encontram no tribunal da armada, como implicados nos acontecimentos de 19 de Outubro.

O Problema Financeiro

O sr. dr. Albino Vieira da Rocha, lente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e membro do Directorio do Partido Republicano de Fomento Nacional, realiza ámanhã, ás 21 horas, na séde do Centro Republicano Radical 19 de Outubro—rua de S. João da Praça, 90, 1.º—uma conferencia sobre o Problema Financeiro.

A TARDE PARLAMENTAR

Duzentos e cincoenta contos

para a divulgação do "raid" Lisboa-Rio

Uma frase do chefe do governo

Em ordem do dia continuam os orçamentos dos ministerios dos Estrangeiros e do Interior.

***

Estão marcadas duas sessões. A ordem para a noturna é a mesma da diurna.

* * *

Chamada para a primeira sessão, ás 15.10, sob a presidencia do sr. Domingos Pereira. Responderam 51 deputados.

Discussão antes da ordem: proposta que autoriza o governo a dispender pelos ministerios do Interior, Marinha e Estrangeiros, 250 contos com a consagração e divulgação da travessia do Atlantico.

O sr. Nuno Simões declara que a defesa da proposta, tal qual a empreendeu o sr. ministro dos Estrangeiros, o não satisfez.

—E' preciso salientar — diz — que a comissão de finanças deu parecer favoravel á proposta, é certo, mas com bastantes restrições. Desejo que o documento em debate seja rigorosamente justificado com as indicações das despesas a fazer.

***

O chefe do governo pede a palavra. Em termos claros demonstra que a verba de 250 contos não é exagerada. Há muitas despesas a fazer com homenagens que não podem ser dispensadas. O feito de Gago Coutinho e Sacadura Cabral tem de ser condignamente divulgado. Exigem-no todos os portugueses. No entanto o governo não exercerá qualquer pressão sobre a Camara na votação da proposta. A Camara que resolva como entender.

O sr. Antonio Maria da Silva acrescenta:

—O gabinete a que presido não pode ser acusado de esbanjador dos dinheiros publicos.

* * *

Ordem do dia: orçamento dos estrangeiros. Falam os srs. Pereira Bastos e Ferreira da Rocha. O primeiro ocupa-se dos adidos militares. Das palavras proferidas pelo sr. Ferreira da Rocha nenhuma chegou inteira á tribuna da imprensa.

O sr. Fausto de Figueiredo alude á verba de 317 contos que figura no orçamento do ministerio dos Estrangeiros destinada a despesas diversas.

Emquanto á nomeação dos nossos representantes no estrangeiro presidir a politica de campanario, Portugal continuará a ser uma nação eternamente desconhecida.

O sr. Fausto de Figueiredo declara com energia que a leviandade com que se dá condecorações é uma das maiores vergonhas da Republica.

Combates perto de Orange

Entre hotentotes e sul-africanos

CABO DA BOA ESPERANÇA, 6

Têm-se dado serios combates proximo de Orange entre os rebeldes hotentotes e tropas sul-africanas. Foram mortos 30 hotentotes, havendo muitos feridos.—(L. A.)